O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2001- ANO V - Nº 49

EDITORIAL

Com esta edição, "O ESTAFETA" entra no seu quinto ano de circulação ininterrupta. Reafirma seu propósito de veículo de divulgação da cultura. Mantém-se fiel aos princípios com que foi idealizado, leva seus leitores a conhecer nossa geografia, nosso passado histórico e personagens que ajudaram a construir nossa cidade. Com o resgate de fatos históricos, oferece subsídios para que a comunidade contextualize os fatos pretéritos com os contemporâneos, levando-a a entender o momento presente, buscando, assim, alternativas que levem ao desenvolvimento de nossa cidade e à melhoria da qualidade de vida de nossa população. Desde seu primeiro exemplar, procura estimular nossa população a participar do dia-a-dia da cidade, somando-se com a administração municipal. Acreditamos que os munícipes, por meio de parcerias com a nova administração, venham exercitar uma nova forma de gerenciamento do município, envolvendo todos os moradores num processo de valorização do ser humano, desenvolvendo trabalhos em equipe, defendendo os mesmos interesses traçados com o administrador.

Essa é uma tendência moderna de governos municipais neste novo milênio – administrar as cidades como empresas. Buscam-se resultados. Para isso, a participação dos funcionários públicos municipais é importante e fundamental, pois aumenta a satisfação, motivando-os a produzir, uma vez que serão co-partícipes nesse processo. Esse novo modelo é uma tendência mundial que indica ser o caminho da participação comunitária o meio apropriado para suavizar os problemas atuais da sociedade.

A cultura participativa, que chegou ao Brasil há poucas décadas, se espalha pelos quatro cantos. Nesse processo existe uma consciência clara e objetiva do importante papel representado pelos cidadãos – todos somos responsáveis pela construção de nossa sociedade. É preciso engajar-se. Assim, cada vez mais a população se organiza por meio de Conselhos Municipais, escolas, entidades religiosas, associações de bairro etc.

Nesta edição de aniversário, "O ESTAFETA" reafirma seu propósito de trabalhar por Piquete, para a formação de nossa população jovem e pela construção da cidadania.

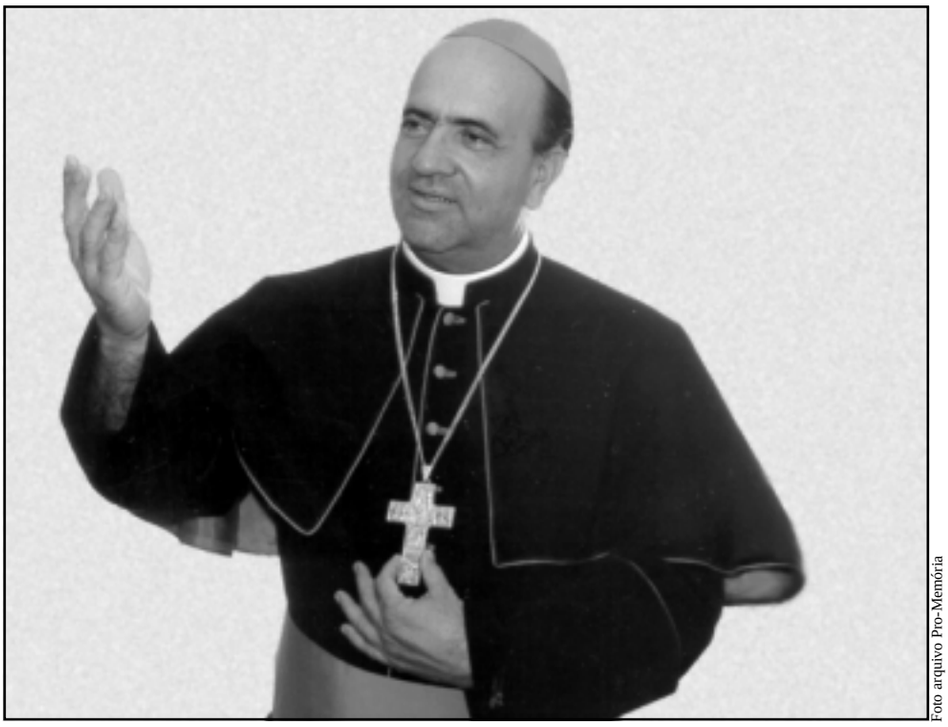


Foto arquivo Pro-Memória

O novo Bispo da Diocese de Lorena, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues.

Nomeado novo Bispo para a Diocese de Lorena

A Nunciatura Apostólica comunicou, dia 10 de janeiro de 2001, às 12 horas de Roma (9h no Brasil), que o Santo Padre João Paulo II, acolhendo o pedido de renúncia apresentado por Dom João Hipólito de Moraes, nomeou Bispo Diocesano de Lorena, no Estado de São Paulo, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, até o presente Bispo Auxiliar em Porto Alegre-RS.

O novo bispo de Lorena foi eleito para o colégio episcopal pelo Papa João Paulo II, em 11 de março de 1998, como auxiliar da arquidiocese de Porto Alegre.

Mineiro de Bias Forte, nasceu em 25 de junho de 1941. Em Mariana-MG, cursou Filosofia e Teologia, completando seus estudos na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Foi ordenado presbítero em 14 de dezembro de 1964, na catedral de Santo Antônio, em Juiz de Fora-MG, onde foi vigário paroquial de 1965 a 1971. No início de seu presbiterato, continuou os estudos para melhor servir ao Reino de Deus, licenciando-se em Filosofia na Faculdade Dom Bosco, de São João del Rei-MG, estudando no Instituto Superior de Pastoral Catequética, do Rio de Janeiro e participando de curso de atualização teológica na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Na arquidiocese mineira de Juiz de Fora exerceu as funções de coordenador de catequese e pastoral.

Foi professor e diretor de estudos filosóficos e teológicos (1971 a 1979) e reitor (1985 a 1988) do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio.

Na Universidade Federal da cidade lecionou Antropologia e Filosofia da Religião. Antes de sua nomeação episcopal, foi diretor espiritual do Encontro de Emaús, responsável pela Escola de Dirigentes do Movimento de Cursilhos, vigário paroquial em Benfica, na paróquia Nossa Senhora da Conceição, e por fim, na paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, de Mundo Novo. Também atuou como vigário geral da Arquidiocese de Juiz de fora.

O novo bispo traz no seu brasão um coração sobre a cruz, símbolo do Divino Coração de Jesus, ao influxo de cuja misericórdia o novo pastor quer pautar seu ministério com o lema: "Manso e humilde de coração" (Mt 11,29).

"O bispo é mestre da verdade. Numa Igreja totalmente consagrada ao serviço da Palavra, ele é o primeiro evangelizador, o primeiro catequista; nenhuma outra tarefa o pode eximir desta missão sagrada..."

A Fundação Christiano Rosa deseja ao insigne prelado profícua ação pastoral à luz das verdades autênticas do Evangelho.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Nova Matriz de São Miguel - projeto do arquiteto Prometheu da Silveira.

Nova Matriz de São Miguel Arcanjo

A data de 27 de Janeiro de 1970 tornou-se um marco na história religiosa de Piquete, pois foi quando se fez a mudança definitiva da antiga matriz de São Miguel para a Nova, e esta passou a funcionar como igreja principal da paróquia e o vigário, na época o Padre Pedro Verdumen, fixou residência na nova casa paroquial.

Havia muito se cogitava a construção de uma nova igreja, pois a antiga, construída no século XIX, já não comportava o fluxo cada vez maior de fiéis às cerimônias religiosas.

O lugar destinado deveria ser próximo ao centro da cidade, o que facilitaria o acesso dos católicos residentes em bairros mais afastados. A escolha do local foi uma grande chácara localizada à Rua Cel. Francisco Relvas. O negócio arrastou-se por mais de 20 anos. O Cônego Gabriel Hiran, pároco de Piquete, foi autorizado a adquirir um terreno de propriedade do Sr. Antônio de Pinho pelo preço de CR$ 350.000,00. O terreno ficava no topo de uma elevação que dominava a cidade.

A partir da aquisição do terreno houve uma mobilização por parte dos paroquianos para começar a obra, sendo que logo de início o Dr. José Amoroso abraçou a causa.

Um jovem arquiteto, oriundo do Rio de Janeiro, costumava visitar Piquete em suas férias. Foi abordado, no cassino dos oficiais, pelo Dr. Amoroso que, junto com um grupo de pessoas, solicitou-lhe um projeto para a Matriz de São Miguel. Concordou com a tarefa e se propôs a realizá-la sem qualquer ônus para a cidade.

Retomando ao Rio de Janeiro, iniciou os rascunhos da igreja, que encaminhou para Piquete com os primeiros estudos do conjunto: Matriz e Casa Paroquial.

Recebeu de volta uma planta definindo o terreno para a construção, com a localização da Pedra Fundamental; desenho elaborado pelo Sr. Dogmar da Costa Ribeiro (topógrafo), sob responsabilidade do Engenheiro D. C. Mattos Filho, datado de 10-11-1960, no qual definia os limites da área.

Entretanto não foi possível ao arquiteto acompanhar a execução da obra. O projeto foi entregue, o mais detalhado possível, ao Padre Joaquim Passos, então pároco de Piquete, depois de apresentados e aprovados pelo Bispo de Lorena, Dom José Melhado de Campos.

Nesse ínterim, foi montada uma comissão de finanças pró-construção da Igreja.

Em setembro de 61, o Sr. Prometheu e seu assistente, Sr. Gustavo, estiveram em Piquete expondo a maquete completa da monumental obra, em que se via o templo, o campanário e o prédio destinado à casa Paroquial.

Com a exposição da maquete, houve empolgação e entusiasmo do povo, que podia visualizar a futura igreja.

Em junho de 1962, constituía-se a Comissão definitiva Pró-construção da Nova Matriz, com as seguintes pessoas: Coordenador: Pe. Joaquim Passos; Presidente: Dr. José Amoroso; Secretário: Tesoureiro: Prof. Artur Alves; Comissão Técnica: Sr. Ismael Marques de Almeida, Antônio Brasilino e Otávio Inácio da Silva; Comissão Fiscal e de Relações Públicas: Srs. Expedito Sebastião Ferreira, Luiz Vieira Soares e José Leite da Silva.

Apressava-se, assim, o início das grandes obras da Nova Matriz, salão e Casa Paroquial, sob a direção do Sr. José Amoroso, médico civil da cidade, que, desde o inicio da construção, foi a alma e cabeça das atividades. Ele tomou a direção e responsabilidade das obras e ainda organizou uma campanha popular para aquisição de fundos.

No fim de junho de 1968 houve a primeira missa da juventude celebrada por S. Excia., o Bispo Diocesano. A partir de 10-8-1969, a missa das dez horas, aos domingos, passou a ter caráter definitivo na Matriz Nova. Nesse ano, a parte religiosa da festa do padroeiro São Miguel Arcanjo foi celebrada, pela primeira vez, na Nova Matriz. A missa solene de encerramento foi celebrada por Dom Cândido Padim, Bispo Diocesano.

Com a celebração das cerimônias litúrgicas na nova igreja, o povo se entusiasmou ainda mais pela construção, de linhas modernas e simples, cumprindo o que profetizara o Dr. J. Amoroso em Julho de 1961, quando, falando sobre a obra, disse ser "uma das coisas pelas quais Piquete será conhecida".

Hoje, a Matriz de São Miguel, inserida na paisagem, é um marco arquitetônico, cartão postal de Piquete.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração*:* Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Cida Ribeiro

O trabalho voluntário é feito espontaneamente, com solidariedade, dedicação e sem constrangimento ou imposição. Exemplo de voluntariado em Piquete é Maria Aparecida Ribeiro da Silva, D. Cida Ribeiro. Nascida em Pinheiros, município de Lavrinhas, em 16-06-1942, filha de José Ribeiro dos Santos e Georgina Rodrigues Martins,

Veio para Piquete em 1948, acompanhando o pai, que iria trabalhar na Fábrica Presidente Vargas, iniciando seus estudos no Grupo Escolar da FPV.

A exemplo do pai, catequista, iniciou-se no catecismo aos 7 anos de idade, concluindo-o no Orfanato Madre Maria Mazarelo. Aos 11 anos já colaborava na formação religiosa de outras crianças.

Aos 18 anos começou a trabalhar no Hospital da FPV, como enfermeira. Lá permaneceu por 20 anos. Trabalhou, então, por mais cinco anos, na Fábrica, quando se aposentou. Durante todos esses anos, nunca deixou de lado a função de catequista.

No mês seguinte à sua aposentadoria, em maio de 1986, realizou um treinamento promovido pela Pastoral da Criança, em São Paulo. Voltando a Piquete, fundou uma unidade dessa instituição, com o apoio da amiga Maria Cristina da Silva. O primeiro passo foi o cadastramento de 70 famílias do Morro do Moisés, num total de 101 crianças de 0 a 5 anos, 11 gestantes e 7 nutrizes. Vendo e sentindo a importância desse trabalho, várias senhoras se prontificaram a ajudar. Foi, então, montado um treinamento para habilitá-las.

Desde então, dedicou-se de corpo e alma aos objetivos da Pastoral, sempre participando de cursos de atualização.

Do apoio e conforto oferecido aos mais carentes diz: "... me é muito gratificante."

Seu trabalho no Morro do Moisés durou 7 anos. Vários projetos, entre eles um mutirão para a construção do Centro Comunitário Santa Mônica, em parceria entre a Prefeitura e a comunidade, tornaram-se realidade.

Os bons resultados fizeram com que o trabalho, sempre baseado "...no amor ao próximo...", crescesse e se espalhasse por outros bairros, como Tabuleta e Vila Cristiana.

Em 1995, depois de 9 anos à frente da Pastoral, "...devido à falta de condições de trabalho..." deixou a Instituição. No entanto, seu trabalho pela comunidade continuou.

Em 1996, sentiu a necessidade de maior apoio da assistência social, que se reconstruísse a auto-estima das crianças de rua, reintroduzindo-as na família e dando-lhes amor. Participou da implantação, em Piquete, do Conselho Tutelar. Trabalhando em conjunto com o Ministério Público, chegou a manter crianças em sua própria casa, para não deixá-las na rua.

A burocracia, porém, não lhe permitia continuar informalmente. Urgia a construção de uma Casa de Abrigo. Mais uma vez, o trabalho incansável de Cida Ribeiro fez efeito e implantou-se o Abrigo. Por lá passaram, em dois anos, 35 crianças, sendo que destas 3 foram adotadas legalmente.

O alto aluguel e as dificuldades em conseguir verbas para a manutenção da Casa impediram-na de continuar o trabalho: a casa foi fechada.

Apesar da saúde abalada, motivo maior de seu afastamento dos trabalhos, ainda tem o sonho de, um dia, construir a Casa do Abrigo.

Autora dos projetos como o R.A.S. (Reintegração do Adolescente na Sociedade) e C.I.S. (Comunidade Igreja que Sofre), os quais ainda não encontraram apoio das autoridades competentes, Cida Ribeiro reflete bem o voluntário procurado pela ONU neste Ano Internacional do Voluntariado. É de pessoas como esta "piquetense de coração" que precisamos para uma Piquete mais humana e fraterna.

Sei que meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor.

Madre Teresa de Calcutá

A Pastoral da Criança: exemplo de voluntariado

Em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, em Brasília, no dia 9 de janeiro, a Pastoral da Criança foi oficialmente indicada pelo governo brasileiro a concorrer ao prêmio Nobel da Paz. Esta é uma grata coincidência, pois este ano foi proclamado pela ONU como Ano Internacional do Voluntariado e a Pastoral da Criança é um exemplo de trabalho voluntário bem sucedido no Brasil. Criada em 1983, com o objetivo de treinar líderes comunitários para combater a mortalidade infantil, a Pastoral da Criança tem como coordenadora geral a médica pediatra Zilda Arns Neumann. Esse trabalho já encontra eco na sociedade, face aos resultados que vem alcançando, reconhecido pela UNICEF e pelas várias camadas da sociedade brasileira.

Na ocasião da indicação, o Ministro José Serra, da Saúde, enfatizou que "...seria impossível para o governo fazer aquilo que está sendo feito pela Pastoral da Criança. Também seria impossível para a Pastoral da Criança fazer o que está fazendo se não houvesse apoio do governo. Essa cooperação, que tem que ser baseada em valores de solidariedade, de crença no próximo, de amor, é muito importante para a mudança de todas as instituições brasileiras."

Este trabalho, segundo a Dra. Zilda Arns, "não se trata apenas de atender à pobreza. É muito mais do que isso. É a formação da pessoa, da cidadania, dar valor às pessoas, fazer com que elas entendam que a vida tem que ser cuidada, tem que ser regada como uma plantinha. Isso tem que ser feito também com amor, com dedicação.

Esse reconhecimento, expresso pela indicação da Pastoral da Criança, pelo governo brasileiro, ao Prêmio Nobel da Paz, gostaria que servisse como mais do que uma premiação à Pastoral, mas como uma premiação a todo o voluntariado do Brasil, a todas as entidades que trabalham com voluntários. E que o Brasil pudesse realmente sentir que não é só possível reduzir a mortalidade infantil, a desnutrição, a violência dentro da família, mas trabalhar juntos, juntar as religiões, os partidos políticos. Se nós olharmos para frente, o futuro depende de nós, que estamos aqui. E todos nós, neste Ano Internacional do Voluntariado, temos muito a dar. (...) O mundo pode ser muito melhor se nós olharmos para ele com o olhar da fraternidade, onde todos tenham pão, todos tenham esperança e todos tenham dentro do coração a vontade de servir."

Do primeiro Presidente da República ao primeiro Prefeito de Piquete

Palmyro Masiero

Reprodução

Américo Brasiliense (1833 - 1896)

(continuação do número anterior)

Voltemos um pouco no tempo para acompanharmos o movimento político nacional e estadual. O Presidente provisório Deodoro da Fonseca nomeou Jorge Tibiriçá Piratininga para presidente de São Paulo, em 14 de outubro de 1890, para suceder a Prudente de Morais. Em 25 de fevereiro de 1891 foi eleito pelo Congresso Constituinte o Marechal Deodoro da Fonseca para primeiro presidente constitucional do Brasil.

Como o governador de São Paulo, Jorge Tibiriçá não telegrafou ao generalíssimo cumprimentando-o por sua eleição para Presidente pela Constituinte de 1891, Deodoro melindrou-se e exonerou-o no dia 4 de março desse ano. Para substituí-lo, no dia 7 de março foi indicado o 3º Governador de São Paulo, o Dr. Américo Brasiliense de Almeida Mello. Notificado a respeito, assim respondeu a Câmara de Lorena à circular comunicando a posse em 14 de março:

"Ilustre Cidadão Governador – A lntendência Municipal de Lorena, em sessão de hoje, responde a vossa circular de 7 do corrente, declarando-vos todo o seu concurso dentro das órbitas legais, quer em relação à organização deste Estado, quer em relação à segurança e desenvolvimento da nascente República dos Estados Unidos do Brasil.

Com a ascensão do dr. Américo Brasiliense, foram indicados novos Intendentes à Câmara lorenense. Na sessão do 30 de março, na falta do titular, José Mariano dá posse aos novos membros nomeados: Dr. Miguel Detse, Dr. Libério Seabra, Ten. Anacleto Monteiro e Cap. Francisco Mariano da Silva. Havendo eleição para a Mesa, venceu como Presidente o Sr. José Luiz do Santos Pereira e para vice-Presidente, José Mariano.

Amigo particular e correligionário do Dr. Américo Brasiliense, ambos republicanos de longa data, José Mariano encaminhou para o Palácio do Governo dados e informações sobre a Freguesia do Piquete, alguns verdadeiros, outros "mais ou menos", no início de abril, com a finalidade de comprovar ter a Freguesia total condições para elevar-se à Vila. Em realidade, o artigo 1º da Lei nº 40, de 11 de março de 1885, estava sendo forjado, mas nenhum deputado foi conferir e a papelada foi considerada procedente. Os documentos correram os trâmites legais até chegar ao Governador. E ele sancionou:

Decreto N. 166 de 17 de maio de 1891

Eleva à categoria de ViIla com a denominação de – VILLA VIEIRA do Piquete – a freguesia de S. Miguel do Piquete, município de Lorena.

O Governador do Estado, tendo em vista o que representaram da freguesia de S. Miguel do Piquete, do município de Lorena; e vem verificando pelos documentos que instruem a representação que aquela freguesia por seu desenvolvimento e população está *em condições de ser elevada à villa* e *que está satisfeita a exigência do art. 1º da lei n. 40 de 11 de Março de 1885, visto possuir, a espensas de seus habitantes, edifícios para cadeia* e *municipalidade.*

Decreta:

Art. 1º - *Fica elevada à categoria de vila* com *a denominação de Villa Vieira do Piquete a freguesia de S. Miguel do Piquete, do Município de Lorena, com as atuais divisas.*

Art. 2º - Revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo de S. Paulo, 7 de maio de 1891.

Américo Brasiliense de Almeida MeIIo

Convocada extraordinariamente a Câmara lorenense para o meio dia de 19 de maio, o Presidente da Intendência lorenense José Luiz dos Santos, mais os membros Ten. José Mariano, Vice, Ten. Anacleto Monteiro, Cap. Francisco Mariano da Silva, Miguel Gonçalves e Victorino Cunha, deram conhecimento do seguinte expediente:

Portaria do Governador deste Estado datada de 7 do corr. Mêz, comunicando haver elevado a Freguesia do Piquete a Vila com a denominação – VILLA VIEIRA DO Piquete – e que nomeou para constituirem o *Conselho de Intendencía que exercerá provisoriamente a administração da referida Villa os Cidadãos Com. Custódio Vieira da Silva – Ten. João Rodrigues Pereira – Carlos Augusto Taques Bittencourt – Alfrs. Camillo José Barbosa – Francisco Marques de Freitas e Ten. Antonio Luiz Pereira.*

A lntendencia deliberou marcar o dia 15 de junho proximo para empossal-o.

O que realmente relato a seguir vem por tradição; o Governador desejava nomear a vila como "Vila Mariano", mas que, agradecendo a honraria, o Ten. Mariano absteve-se da lembrança transferindo a homenagem ao Com. Custódio Vieira da Silva.

Fato que merece destaque: na sessão de instalação da Vila, como gesto de reconhecimento e de carinho, o Comendador Custódio Vieira da Silva ofereceu ao Ten. José Mariano uma caneta de ouro, toda trabalhada, para com ela assinar a Ata da instalação oficial da Vila Vieira do Piquete.

Nessa mesma sessão foi eleito Presidente da Intendência o Com. Custódio e para Vice Carlos Augusto Tacques Bittencourt. Entretanto, o Comendador somente presidiu a primeira sessão de nossa Intendência, dia 20 do mesmo mês, afastando-se por motivos de idade avançada e saúde periclitante. Assumiu o Vice e, na falta desse, o Ten. Antonio Tristão Moreira da Silva.

Três dias antes, 17, o Presidente da Intendência lorenense comunica que se achando instalada a Vila Vieira e lá residindo o Ten. José Mariano da Silva, em consequência fora do município de Lorena, deixava de ser Intendente daquela municipalidade, procedendo a seguir eleição para preenchimento do cargo vago de Vice-Presidente da Casa.

(continua no próximo número)

Comendador Custódio Vieira da Silva.
(1842 - 1895)

Foto arquivo Pro-Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Bloco "Pé de Cana", tradicional reduto de foliões de Piquete.

Foto arquivo Pro-Memória

Bloco de rua do carnaval de Piquete, em 1948.

Foto arquivo Pro-Memória

Comissão de frente de bloco de Piquete, no carnaval de 1964.

O Carnaval

A origem do Carnaval perde-se no tempo. É uma grande festa popular. Sinônimo de alegria, descontração e grande licenciosidade.

Dez mil anos a.C., povos se reuniam com os rostos mascarados e os corpos pintados para espantar os demônios da má colheita, numa espécie de carnaval.

Os festejos para a deusa Ísis, a lua, e para o boi sagrado Ápis, no Egito; as dionisíacas dos gregos; as saturnais, dos romanos; as festas invernais dos gauleses; as cavalgadas mitológicas e o desfile dos deuses olímpicos do século X, na França; os grosseiros e perigosos bailes à fantasia da Idade Média; as mascaradas italianas dos séculos XVI e XVII; o carnaval veneziano da República dos Doges; os bailes da Ópera de Paris, instituídos pela Regência do século XVIII; a festa dos loucos, dos teutos; os carnavais de Nice e do Rio de Janeiro: demonstram que esse tipo de folguedo coletivo existiu em todas as épocas, regiões, povos e raças. Os excessos que ele permite trouxeram, como conseqüência, o desejo de que fosse extinto.

A etimologia da palavra que designa essa festa universal não está isenta de controvérsias, geralmente aceita, de que o Carnaval provém de "carrus navalis": carro naval, ou seja, um barco transportado em carruagem. E, dentro da embarcação, dançarinos, cantores e lançadores de flores. Mas há quem afirme que a designação da diversão popular tem a sua origem em "carne vale": liberdade de carne; isto é, permissão de comer carne durante a quaresma. Outros dizem que significa justamente o contrário, isto é, despedida da carne ("carnis, carne, e vale, adeus"): abstinência obrigatória de carne no decorrer da quaresma.

O primeiro Carnaval no Brasil, como festa organizada, aconteceu no Rio de Janeiro, em 31 de março de 1641. Consistiu no desfile de 161 cavaleiros encamisados, isto é, fantasiados, seguidos de dois carros ornados, onde tocavam os únicos músicos então existentes na cidade.

Desde então é o divertimento máximo do povo. Pagão e livre, ele simboliza a igualdade. O disfarce nivela a todos e esconde mágoas e tristezas, rancores e vinditas, amores e paixões.

Dançar, cantar, folgar, dar ao corpo e ao espírito a maior independência. Sons, cantos, frenesis, cores, cheiros, fedores, príncipes, bruxos, índios, diabos, pierrôs, cupidos, palhaços, burros, bufões, máscaras alegres e tristes, etc.

Assim é hoje; assim foi ontem. Com a diferença de que antes o barulho dos pandeiros, violas, chocalhos, reco-recos, trombetas e, principalmente, das zabumbas, ensurdecia os pobre mortais.

Outro divertimento carnavalesco da população era o entrudo: ora praticado por meio de ovos e limões de cera colorida, cheios de água perfumada com essências de canela e benjoim, lançados sobre os transeuntes, ora com o auxílio de seringas e bisnagas, ou com baldes de água suja arremessada das casas, e jarras, canecas, bacias e demais recipientes despejados dos sobrados. E, para completar a brincadeira, eram besuntados com farinha, alvaiade ou vermelhão os que já estavam molhados. Durante três dias, era uma lavagem ou... emporcalhamento dos transeuntes e dos que caíam na tolice de fazer visitas. Saíam delas aguados!... Não havia quem deixasse de tomar parte no divertimento.

Ao longo dos tempos, o Carnaval veio evoluindo e se transformando. Das ruas ganhou os salões, com grandes bailes de máscaras e batalhas de confetes e serpentinas.

No início do século XX, surgem os cordões, os ranchos, os corsos e os desfiles de rua.

Muitos foliões formam conjuntos simples, sem fantasias ou alegorias. São blocos carnavalescos de sujos ou de rua, que crescem muito.

No final dos anos 20, surgem no Rio de Janeiro as escolas de samba, que vão crescendo e passam a "brigar" pela vitória. Disputam sempre o primeiro lugar. Essa luta saudável levou as escolas a evoluírem para um grande profissionalismo em nossos dias.

De qualquer maneira, fevereiro ou março passou a ser um mês intensamente esperado pelos povos, dos antigos aos nossos dias. **AC**

Crianças fantasiadas para desfile do "Bloco da Folia", de Piquete. Foto da década de 80.

Foto arquivo Pro-Memória

O tradicional carnavalesco piquetense, Miguel Magalhães, durante concurso de fantasias.

Foto arquivo Pro-Memória

"Deitar o olhar"

Expressão simpática e da qual sempre gostei.

Vejo-me esticando preguiçosamente em toda extensão o olhar nos mínimos detalhes à minha volta.

E foi o que fiz diante da imensa árvore defronte ao extinto zoológico onde funcionava o Jardim da Infância da Escola do Prof. Leopoldo.

Que magnífica! Sua imensa copa abraça todo o gramado ao redor! Quem a teria plantado ali?

Abigail Léa? Marina Meirelles? Márcia Teixeira ou Nelise Pinheiro? Algumas das muitas alunas brilhantes que por ali passaram e como de costume plantaram árvores no seu dia – 21 de setembro!

Não importa, pois diante de tamanha beleza da frondosa árvore, me ponho a sonhar à sua sombra e me vejo há mais de meio século no pátio, entre a criançada, sob o comando de Dona Eurídes, minha primeira professora e minha madrinha de crisma.

Anos depois, no mesmo lugar, vejo meus filhos; primeiro o menino que, de tão levado, fizera o urubu-rei, já destronado, com as plumas ralas e caídas ao redor do pescoço, bicar-lhe a mão, tamanha a provocação que recebera. Somente D. Letícia sabia como dominar suas travessuras!

Mais tarde, a menina, bem mais comportada, que das mãos de D. Odette e D. Irene sairia alfabetizada para a 1ª série.

Tudo isso passa como um filme no deitar de meu olhar que reclama dos pingos de água que vêm das folhas da belíssima árvore.

-Se aquiete amigo, dirijo-me a ele num esforço, com a voz embargada:

-São apenas lágrimas teimosas que estão a cair por um tempo que passou depressa demais! **Suely Villar Torino**

O arauto da memória

Recebemos e agradecemos a pintura gentilmente ofertada pelo Prof. Paulo Nader que, num feliz simbolismo, associa o galo da antiga matriz de São Miguel à memória de Piquete. **Masiero**

Reprodução

"Meu amigo Masiero:

Este é o galo que em 1891 soltou seu mavioso canto, anunciando que na pequena Vila Vieira nascia a MEMÓRIA do futuro município. Os anos passaram, mas a MEMÓRIA ali está desafiando o tempo e se fixou como fonte inesgostável da CULTURA de Piquete. Por mais que se queira apagar, o desafio continua e a MEMÓRIA continuará de pé, acompanhando, do alto, a Vila crescendo, se ampliando e transformando-se em cidade e município. Este é o GALO com que você sonhou.

Um abraço do amigo **Paulo Nader**."

Os "bois" no carnaval piquetense

O tradicional boi de carnaval faz parte de nossas festas momescas. Incorporado ao Carnaval de Piquete, é uma expressão incomparável da espontaneidade de nosso povo. Origina-se, provavelmente, do "bumba meu boi", bailado popular largamente praticado no Brasil, que, por sua vez, remonta ao "Touro da Canastra" e "Tourinhas", populares em Portugal, no século XVI. O boi é tema de bailado universal. Não sabemos precisar quando foi que apareceu o primeiro, em Piquete. Sabemos, no entanto, que na década de 20 eles já faziam parte da folia.

Nos meses de janeiro e fevereiro, pelas ruas de nossa cidade, começam a surgir os primeiros, chegando a dezenas. Construído de uma armação de taquara, recoberto por um pano, pintado nas cores preta e branca, tem na parte da frente uma cabeça de boi e vem acompanhado por duas burricas. A criançada se diverte, assustando e investindo sobre os transeuntes, num frêmito de alegria e descontração. É genuíno representante do folclore piquetense.

Crianças da Rua Cel. Pederneiras com seus "Bois". Haja pastos...

Foto arquivo Pró-Memória

Foto arquivo Pró-Memória

Crônicas Pitorescas

Reino de Baco

Palmyro Masiero

Carnaval é fogo, irmão! Existe nego que começa a sexta-feira , consciente, dá início a uma bebericagem social animadora e só retorna à base do raciocínio na manhã da quinta seguinte. Passa o carnaval e cinzas movido a álcool, inteiramente sem dono.

Meu saudoso amigo Ilídio Moura morava em uma casa quase atrás do Elefante Branco. Pelas onze e meia da manhã de um domingo de carnaval, encontrava-se refestelado na poltrona da varanda de seu lar, descansando da noite anterior, quando um conhecido, residente em Lorena, lotado na 4ª Divisão da Fábrica Presidente Vargas, parou frente a sua casa. O homem dançava sem música e estava mais mamado que os antigos bebês Johnson.

- Olá, companheiro – dirigiu-se ao Ilídio.

- Olá – respondeu ele.

- Amigão, resolvi que você vai me convidar para o almoço... Tô morto de fome.

- Mas hoje é domingo – ponderou o dono da casa.

- Ué, não se come nesta casa, aos domingos? – espantou-se o bebum.

- Não é isso... A turma toda esteve no baile à noite e nem levantou ainda. O almoço só vai sair lá pelas três horas.

- O diacho!... É uma pena... Sabe, companheiro, tenho que pagar o próximo ônibus e chegar em casa ou minha mulher me mata...

- E comentou em tom confidencial:

- Saí da Fábrica na tarde de sexta e engrenei umas biritas com a turma, emendei no sábado, carquei muita cana ontem no Elefante e se não voltar pra casa, tô frito! – tudo dito à meia voz e enrolado.

- Realmente é uma pena... Mas o almoço fica para uma próxima ocasião – propôs o Ilídio.

- É...

Por algum tempo recostado na muretinha do jardim, como um pêndulo de relógio, permaneceu mudo. De repente, alguma nesga não etílica brilhou na cabeça do homem.

- Tá certo, o almoço fica adiado, mas como tô com uma bruta fome, me arranja então um sanduíche com bastante conforto.

Diante de tão refletido pensamento, o Ilídio rendeu-se. D. Wanda preparou um sanduba de Itu e serviu o homem, que comeu sofregamente.

Mas a história não acabou. O Ilídio teve que amparar o "vaqueado" até a Praça da Bandeira, comprar a passagem para Lorena, pois o homem estava duro, e assentá-lo na poltrona.

Podia até apanhar da mulher, mas que viajou "confortavelmente", viajou.

Carnaval é fogo, irmão!

Nossa Senhora das Dores: o olhar feminino

Foto arquivo Pro-Memória

Imagem de São Miguel Arcanjo, padroeiro de Piquete.

Minha avó casou-se, em segundas núpcias, com meu avô. Ela era Maria Pereira de Castro Bastos, pelo nascimento, e Silva, pelas primeiras núpcias com o Tenente Antônio Tristão Moreira da Silva, proprietário da Fazenda Bela Vista. Após a morte deste, contraiu núpcias com Francisco Máximo Ferreira, lavrador, e, posteriormente, funcionário da Fábrica Presidente Vargas, com funções de Mestre, além de musicista.

Do vestido destas núpcias estava guardado com a família um pequeno retalho, de tafetá francês, ondeado, e todo bordado de miçangas cor de pérola. Pequenos ramalhetes de violetas guarneciam o vestido e faziam dela uma bem apresentada noiva de traje importado da Europa. Reconheci o tecido nos vestidos de "soirée" nas vitrinas das "maisons de haute couture" da Avenue Montaigne, em Paris, no caminho da Champs Elisées e do Arco do Triunfo. Lembrei-me de Maria, esplendorosamente composta para a cerimônia nupcial. Imaginei-a linda: o olhar feminino é detalhista. Não há registros fotográficos de minha avó.

Nossa Senhora das Dores está ricamente trajada na imagem artesanal e barroca da capela da Matriz fundadora. Honra nossa referência ao nome de São Miguel, na Capela que, de taipa e construída por escravos, remanesce na sua primitiva condição, pois é memória e desta necessita a comunidade. É lá que se encontra o melhor relógio da cidade. A primeira que vemos quando chegamos, e a última sempre que partimos, até para a viagem definitiva – permanentemente ao seu lado.

Nas torres, os galinhos direcionam os ventos, e se soubermos lê-los, poderemos plantar bem, colher melhor, viajar, e até voar, sejam lá que asas forem.

Na tradição valeparaibana Nossa Senhora é a grande homenageada nos onomásticos padroeiros. Nas margens dos caminhos dos desbravadores, povoadores, mineiros, tropeiros, Nossa Senhora, é sempre invocada. Pontilhou as capelas nos pousos e vilarejos: Nossa Senhora da Aparecida, da Conceição, da Guia, dos Remédios, da Ajuda, da Escada, da Santa Cabeça, da Piedade, da Soledade, duplamente para o Itajubá Velho (hoje Delfim Moreira) e o Itajubá Novo (o propriamente dito). E quantas Marias nos nomes de meninas. E quantas Marias madrinhas nos batismos. Maria, a mãe de Jesus, tornou-se culto emblemático para todos. Mãe e filha, ela simboliza força e esperança na ordem social. Suma expressão da base familiar que os europeus resgataram dos ritos paganizados, para cristianizar, e trazer, pelos portugueses, aos cultos onde a cobiça, a promessa, os perigos e as relações de dominação andavam juntos, a resgatar de um passado insólito as benesses de um futuro anunciado.

No culto mariano, a mãe, a casa, a cozinha, o aconchego, a maternidade, o cuidado da prole, o conselho tranquilo e sussurrado à beira dos tachos e caldeirões nas cozinhas do dia todo, ou nas salas rústicas onde as trempes anunciavam outros fogos nos fornos externos. Estes, em conjunto, eram os "fogos"; portanto, os lares.

E os oratórios das rezas diárias, das várias imagens onde a Senhora das Dores, o Cristo crucificado, os beatos e as beatas martirizadas, a Sagrada Família, lembravam sofrimento, dores, saudades, sacrifícios e invocações.

E a leitura edificante, formadora. E mais os inventários, os testamentos, as mortes, os enterros, as missas encomendadas, os ofícios, as novenas...

As mulheres em casa. Mal chegando às portas e janelas Resguardadas em sobrados do período áureo do café, entreolhando curiosas nas treliças dos muxarabiês ou nas modestas casinhas de porta e janela única.

Casamentos contratados nos interesses das famílias proprietárias, muitas vezes no interior da própria família, para o bem e para o mal. Nos códigos de conduta, restritivos à mulher – a boa família é produto da mãe, ela é a conselheira, a mantenedora, a sempre encontrada, disponível em todos os momentos.

Observe a imagem em madeira finamente lavrada de Nossa Senhora das Dores, nova habitante da primeira Matriz: a dor é entrevista no semblante sereno, os braços são móveis para expressar; nas mãos, a compaixão, a entrega, o aconchego. No rosto, a feição judaica. As vestes finas tornam-na grande senhora como o eram as titulares das famílias patriarcais, proprietárias. Nos veludos, nos cetins, no fino lavor, na coroa do triunfo de bom metal, ou mesmo nas jóias estão os modelos das representações barrocas.

O trio da Paixão ocupa hoje o espaço da primeira titulada Matriz de São Miguel.

Cristo morto repousa em caixa do altar principal. O barroco de alta expressão chega tardiamente a Piquete.

São peças para museus, proposta para o culto. Sejam homenageadas com São Miguel titular, transportado, mas presentificado, como peças barrocas em todas as mostras dessa nobre arte de representação. Que esta nossa Capela receba as homenagens de direito e faça-se dela o símbolo dos lares, onde um guardião é comandante supremo e uma dama simboliza a matrilinearidade.

Recente foto publicada neste "O ESTAFETA" mostra, no início do século, um possível final de missa. Só há homens, inclusive com crianças nos braços. As mulheres, com certeza, nos lares, resguardadas, teciam os destinos da comunidade.

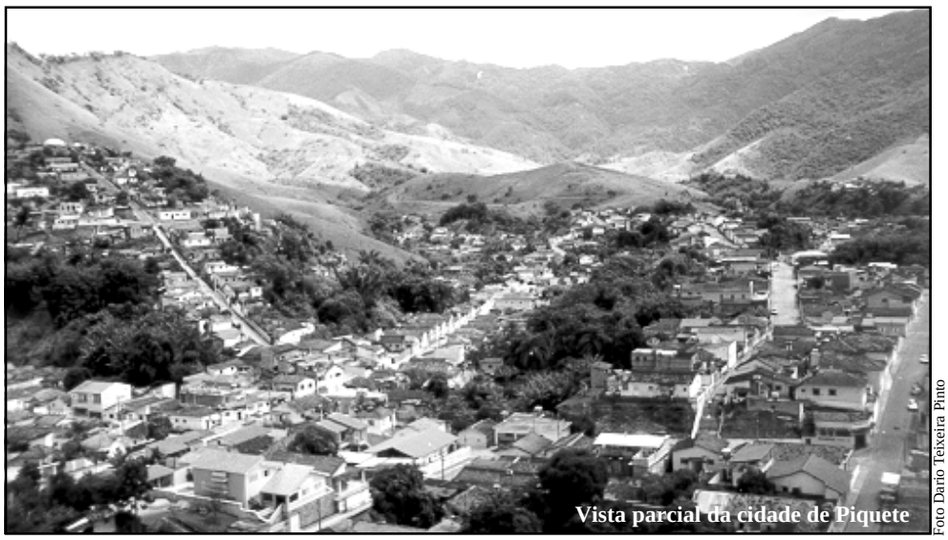
A vetusta Matriz, das torres arredondadas, autentica a foto. Que fazermos dessas reflexões em momentos transitivos como os de agora?

Dóli de Castro Ferreira

Muxarabiê *é o nome de origem árabe, dado às proteções de rótulas colocadas sobrepostas em apoio aos balcões externos, nas fachadas das casas do tipo sobrados, do período colonial, nas velhas cidades valeparaibanas, donde se pode ver sem ser visto.*

Imagem de Nossa Senhora das Dores, que se encontra na Capela de São Miguel das Almas.

Foto arquivo Pro-Memória



Vista parcial da cidade de Piquete

Foto Dario Teixeira Pinto

Arborização Urbana. Por quê?

As cidades brasileiras, como as demais em todo o planeta, possuem uma preocupação com o ambiente urbano e, quando analisadas sob aspectos ambientais, constata-se que o seu equilíbrio é muito precário e artificial.

O crescimento urbano após a década de 50 comprometeu a qualidade de vida da população e constata-se hoje ainda que são precários os mecanismos legais associados a políticas de planejamento de uso de solo que visariam atender e preservar o meio ambiente, principalmente quando se trata das áreas verdes.

A existência de um zoneamento de uso e ocupação do solo nos municípios, adotado segundo um plano específico de áreas verdes, arborização pública e preservação de remanescentes, elevará a qualidade de vida dos cidadãos.

Associado às considerações expostas, ainda pode-se afirmar que as características de ocupação do solo e de toda a infra-estrutura urbana contribuem para uma modificação do microclima, quando comparado ao natural.

Benefícios da arborização urbana:

- Retenção de material particulado.
- Redução da poluição sonora.
- Produção de oxigênio.
- Redução da temperatura.
- Preservação da biodiversidade.
- Melhoria da paisagem urbana.
- Redução do impacto das chuvas.
- Redução da velocidade dos ventos.
- Obstáculo à ação dos ventos.

A formação de ilhas de calor com grandes amplitudes térmicas e variações na umidade do ar é típica dos grandes centros urbanos.

A vegetação contribui significativamente para a melhoria das condições de controle da incidência da radiação solar, regularização da umidade relativa do ar, diminuição da velocidade dos ventos e da poluição.

Problemas da arborização urbana não planejada:

- Entupimento de calhas e bueiros
- Danos a muros, calçadas e telhados
- Interrupção de energia elétrica
- Baixa eficiência da iluminação pública
- Dificuldades no trânsito de veículos e pedestres

Portanto, fomentar a arborização pública é uma das melhores formas para diminuir o impacto da infra-estrutura urbana e elevar o padrão ambiental.

José Demetrius Vieira, MSc.
Engenheiro Florestal

Notas da Cidade

 Aconteceu em Piquete de 9 a 14 de janeiro o 1º Torneio Interestadual de Futebol, realizado pela Escolinha de Futebol Pirralhos, do Sr. José Valério (Sabará) e outras associações ligadas ao futebol, com o apoio da Prefeitura Municipal de Piquete e do comércio local.

O torneio contou com várias equipes: Vitória da Bahia (a mais distante), Bom de Bola (ES), 5º BIL (Lorena – SP), Recrear (Vespasiano – MG), São Paulo FC (Pindamonhangaba – SP), Escolinha de Futebol Pirralhos (Piquete – SP), Estrelinha (Piquete – SP), Vila Esperança (Piquete – SP), Lavrinhas, Cruzeiro.

As categorias do campeonato foram:

- **Pré-mirim**, que teve como vencedor o Vitória da Bahia;

- **Mirim, Infantil** e **Juvenil**, das quais o campeão foi a Escolinha Pirralhos de Piquete.

 Os blocos e escolas de samba de Piquete estão se preparando para um animado Carnaval.

O "**Unidos da Vila São José**", o "**Império do Brás**" e o "**Unidos da Vila Cristiana**" prometem desfiles que empolgarão o público. Criatividade é o que não lhes falta. Participem, prestigiando-os.

 A Associação de Turismo Cidade Paisagem promoveu, no dia 11-01, no Recinto de Festas do Município, um almoço tropeiro, para arrecadar fundos para a reforma de sua Casa de Artesanato. Parabéns à diretoria.

 A Câmara Municipal reuniu-se pela primeira vez em 2001 no dia 05-02. A população compareceu em massa, lotando o plenário. Esperamos que a comunidade continue participando e cobrando ações em prol de Piquete.

Planeta em perigo

Celso Colombo

No início da terceira semana de janeiro, veículos de comunicação do mundo inteiro alertaram todos os povos sobre urna forte ameaça que se projeta sobre o planeta Terra. Trata-se da elevação da temperatura média do planeta, causada, principalmente, pela queima de combustíveis fósseis e desmatamentos. Isso, de forma direta, está contribuindo para as alterações do clima em todo o planeta, colocando sob enorme risco de destruição pessoas, animais e florestas inteiras. E o cenário desenhado para os próximos anos não é atribuído a Nostradamus ou à profecias encontradas em livros sagrados, mas sim a cientistas altamente preocupados com as fortes e crescentes turbulências do clima em toda a Terra.

O grande contribuinte da construção deste cenário é o próprio homem, que até agora não aprendeu a conciliar desenvolvimento com qualidade de vida e respeito aos mais variados ecossistemas. Lastreados em desenvolvimento atabalhoado, em forte dose de egoísmo e em crescente busca por um estilo de vida cada vez mais sofisticado, poluímos nossos recursos hídricos, destruímos nossas florestas, contaminamos o solo e tornamos nosso ar impuro.

A natureza, certamente, em função dos desequilíbrios que nós provocamos, está procurando um novo ponto de equilíbrio, que poderá ser alcançado em curto prazo de tempo, caso ações acordadas entre vários países não prosperem. As consequências serão desastrosas para todos os povos. Caberá, daqui para frente, após o alerta da comunidade científica internacional, a cada um de nós exercer o papel de cidadão do mundo e pressionar as autoridades constituídas para, juntos, trabalharmos em ações que possam resgatar de forma rápida os mais complexos e variados ecossistemas de nosso planeta.

Se agirmos respeitando leis simples da Natureza, como sentenciado por diversos povos da antiguidade, é possível salvar nosso planeta. O mundo científico planeja ações tecnicamente fantásticas e mirabolantes para contornar o quadro ameaçador que paira sobre o planeta, mas acreditamos que o destino da Terra está em nossas mãos. Assim, com ações urgentes de solidariedade, controle e ética no desenvolvimento tecnológico, haverá a harmoniosa correspondência biunívoca de respeito entre o Homem e a Natureza.